

A TRAGÉDIA DO BAEPENDÍ

Fonte : Revista Seleções

Data : março de 1943

Autor : Capitão Lauro Reis

“Fomos torpedeados!”

O capitão Lauro Moutinho dos Reis, oficial de artilharia do Exército Brasileiro, fazia parte da Unidade que viajava no Baependí para o Nordeste, quando, na noite de 15 de agosto de 1942, foi abruptamente torpedeado na altura da fronteira dentre Bahia e Sergipe, a 20 milhas da costa.

Testemunha presencial do fato que, ao lado dos outros torpedeamentos da mesma ocasião, suscitou a onda de revolta nacional que levou o Brasil à guerra contra as potências do Eixo, o Capitão Lauro Reis dá-nos aqui um relato bem vivo do dramático episódio.

Deixamos o porto de Salvador, Bahia, às sete horas da manhã, rumando para o Norte. Do Rio de Janeiro até ali o mar tinha estado calmo. Agora se apresentava picado, espumoso, com fortes marolas, e o velho Baependí arrastava-se, moroso, balançando desagradavelmente.

O vapor ia repleto - umas trezentas e cinquenta pessoas, incluindo a tripulação e uma unidade do Exército, cujos componentes - oficiais e soldados - iam acompanhados de suas famílias, algumas com muitas crianças.

Como esse dia - 15 de agosto - era o aniversário natalício do comissário de bordo, um excelente homem, o jantar foi festivo, a orquestra tocou animadamente e a alegria reinou a bordo até bastante tarde. Enquanto no salão se dançava, lá fora na popa, os soldados - quase todos cariocas - trepados em canhões e grandes caixas, reunidos em grupos, tocando pandeiros e batendo em latas, cantavam seus sambas à moda do morro...

Noite fechada, as luzes todas apagadas, navegávamos a umas 20 milhas da costa, quando súbito um tremendo estampido sacode violentamente o velho barco. Quebram-se as vidraças; o madeiramento range, estala, racha, e, arremessados por forças invisíveis, voam estilhaços de vidro e madeira para todos os lados. Caem as primeiras

vítimas, e há diversas pessoas com o rosto sangrando, devido a ferimentos provocados por fragmentos de vidro.

As máquinas param, o vapor altera o rumo abruptamente, e somos jogados pela inércia, com força, para a frente.

O primeiro instante deixa todas as pessoas imóveis de espanto, a respiração suspensa, as fisionomias pálidas e angustiadas... Não há gritos, nenhum pânico. Percebe-se em cada um o esforço mental para entender o ocorrido, para buscar uma solução, pressentindo a gravidade do terrível momento...

Estou no vestíbulo, de onde partem as escadas para o deck superior e para os camarotes de baixo. Tomado de surpresa, tenho imediata intuição do sucedido: *fomos torpedeados*” Logo a seguir, ouço o apito surdo do navio, pedindo socorro... O Baependí começa a adernar.

Corro ao meu camarote ali perto, empurro a porta, que felizmente não ficou emperrada, apanho rápido o meu salva-vidas, e saio.

Há muitas pessoas no vestíbulo; umas, principalmente mulheres e crianças, paradas, como se esperassem que uma providência alheia as salve; outras caminhando febrilmente, na direção em que julgam poder encontrar salvamento. O navio aderna mais e mais; só podemos andar, agora, agarrados à parede.

Alguns descem com dificuldade as escadas para os camarotes inferiores, em busca de salva-vidas, ou para se reunir às suas famílias; infelizmente, para não voltarem mais... Ficarão na companhia dos que nem sequer conseguiram sair dali.

Vejo tudo isso de relance, e, ainda enfiando o cinto salva-vidas, subo a escada para o deck de cima, em busca da minha baleeira; agarrado ao corrimão, chocando-me com pessoas que descem, aturdidamente, estou quase no alto, quando um segundo torpedo explode, abalando fragorosamente todo o navio. O corrimão, ao qual me agarrava, fica feito em frangalhos, e rolo da escada, de costas, aos trambolhões, até a porta do refeitório, de onde saíra. Entre o primeiro e o segundo torpedo, não decorreram mais de trinta segundos.

As luzes se apagam; esbarramos uns nos outros, desorientados, no meio de profunda escuridão. O navio aderna brutalmente, já sendo impossível, agora, andar de pé.

O segundo torpedo foi o tiro de misericórdia. O Baependí agoniza... Percebo que o afundamento vai ser rápido. Esforço-me para sair do interior. Um cheiro sufocante e enjoativo, proveniente da explosão, invade tudo.

Tateando, com grande esforço consigo agarrar-me à escada, e, de rastos, segurando-me nas saliências, vou subindo devagar.

Na escuridão, apenas distingo, numa pequena claridade vinda de fora, o contorno de uma porta, ao fim da escada que tento subir. É

preciso atingi-la a todo custo, porque senão eu afundarei dentro do navio. Mais um esforço, e consigo chegar.

O navio, nesse momento, está quase de lado; o que era parede passou a ser chão. Atravesso aquela porta com os movimentos de quem, pela abertura do teto, passa para o forro de uma casa.

Alcanço a baleeira em frente à porta. Presa aos turcos, num emaranhado de cordas, alguns marinheiros tentam solta-los, procurando desvencilhar cordas, febrilmente.

Mas é inútil; o Baependí continua a afundar vertiginosamente” As ondas revoltas quase nos atingem, e ouço, bem perto, os gritos pungentes dos que já lutam com elas.

Compreendo, então, que devo atirar-me imediatamente ao mar, para não ser arrastado pelo turbilhão que faria a massa do navio ao submergir. Mas já é tarde demais porque, estando ele quase horizontal, se eu der um salto, cairei, conforme o lado, sobre o casco ou sobre o convés. Ouço ainda o apito tenebroso do vapor, um apito surdo e contínuo, agonizante, de estertor.

As águas me envolvem violentamente, jogando-me de encontro a uma parede. Depois... sinto que mergulhamos, arrastados pelo navio.

Penso, conformado, na morte: deste mergulho não voltarei, certamente!

Não perco o raciocínio, nem me deixo dominar pelo desespero. Antes me conservo calmo, resignado, enfrentado o desfecho da vida. Continuo a mergulhar, a mergulhar... Quantos metros? Nem sei! Sinto nos ouvidos o barulho forte e característico das bolhas de ar, numa escala cromática extravagante, que vai num crescendo do grave para o agudo, à proporção que me aprofundo nas águas... A falta de ar já me tortura; começo a engolir água...

Súbito, porém, paro de mergulhar, e percebo que vou voltando. Mas sou, então, violentamente imprensado entre dois volumosos fardos, e tenho a sensação de que vou ficar esmagado. Inexplicavelmente, não sinto nenhuma dor, por felicidade, fico de novo livre, e continuo a voltar, aos trancos, à superfície, recebendo pancadas pelo corpo, agora mais rápido - até que, de repente, dou um salto, saindo-me fora da água o tronco todo, tal o empuxo.

O navio está completamente submerso. Imagino que não dever ter levado a afundar-se mais de três ou quatro minutos, tornando impossível qualquer providência de salvamento, ou a descida de qualquer das baleeiras.

O mar, violentíssimo, encapelado, está coberto de destroços, e, não sei como, ainda caem paus de todos os lados, como estilhaços.

Ouço gritos terríveis, angustiosos, de socorro, e vejo homens, mulheres e crianças se afogando em torno de mim.

Nado um pouco e me agarro a uns paus que flutuam, e que as fortes ondas me arrancam logo das mãos; imediatamente me seguro noutros, mas também não consigo suste-los, e fico nesse jogo, pulando de uma tábua para outra, durante algum tempo.

Reparo que há sobre as águas duas luzes avermelhadas, como archotes, a iluminar aquela cena macabra: são bóias de iluminação, que se acendem automaticamente, ao contato com a água.

O mar limita-me a visão, e só quando me elevo numa onda melhora o meu horizonte. Em dado momento, avisto com surpresa um projetor lançando seu feixe luminoso sobre o local do sinistro: firmo o olhar e diviso, iluminado pelas luzes quem dançam na água, o perfil do submarino assassino, bem próximo de nós, contemplando os resultados da sua bárbara missão! Em seguida, perco-o de vista...

Estou agora junto de uma grande tábua branca, com aberturas que me parecem janelas: consigo com facilidade deitar-me nela, de bruços, e me sinto mais bem acomodado. Pelos menos descanso um pouco. Mas me agarro com todas as forças, para que as ondas não me arranquem dali.

Perto de mim, alguém grita em desespero, já quase a perder o fôlego: - “Não posso mais, vou desistir...”

Animo o companheiro, chamando-o para junto de mim, e isso me dá mais ânimo! Ele se aproxima, e com algum esforço se agarra à minha tábua: vem ofegante, exausto. Trocamos algumas palavras. É um tripulante do Baependí.

As ondas violentas e o forte vento começam agora a espalhar naufragos e destroços, os gritos dispersos de socorro chegam cada vez de mais longe. Somos também impelidos para longe do local do sinistro, arrastados naquela tábua, em rumo desconhecido.

Conjugando nossos esforços, examinamos o mar em todas as direções. Nada! Provavelmente nenhuma baleeira pode ser lançada ao mar. Nossa salvação é provisória, sem dúvida.... E ficamos vogando ao sabor de ondas por um tempo difícil de estimar; talvez meia hora, uma hora...

Ouvem-se agora menos gritos de socorro; a maioria sucumbiu, desesperada!

Mas repentinamente divisamos uma silhueta que não é de um destroço, passando defronte das bóias de iluminação, já bem longe.... Parece-nos uma baleeira... Dentro, um vulto, de pé... Não resta dúvida, é uma baleeira! Mas está muito distante. Para alcança-la, teríamos que nadar contra o vento e as ondas, e, cansados como estamos, isso não nos parece empresa fácil.

Começamos então a gritar, com todas as forças dos nossos pulmões. Grito, grito! Lembro-me de gritar meu nome, e o faço diversas vezes.

Lembrança talvez salvadora: ouvimos pouco depois, uma resposta que nos pareceu “espera”... Graças a Deus, tinham-nos ouvido, e remam em nossa direção”

Foi o primeiro alento, a primeira sensação de poder sair com vida daquela pavorosa catástrofe.

A baleeira se aproxima.... Abandonando a benfazeja tábuca, damos umas braçadas, lançam-nos uma bóia presa a uma corda, e somos içados para bordo, onde encontro dois tenentes, dois sargentos e três soldados, da minha unidade. Abraçamo-nos, comovidos, mas poucas palavras trocamos. Pensamos na sorte dos outros camaradas, e não nos conformamos com a idéia de que somos os únicos sobreviventes.

É talvez esta a única baleeira que escapou ao desastre, arrancada dos turcos pela violência da explosão.

Recolhidos mais alguns naufragos, somos ao todo vinte e oito. Entre eles, há uma moça que, mal explodiu o torpedo, se lançou resolutamente ao mar, nadando, agarrada a um pequeno destroço, durante mais de uma hora!

Mas em que direção ficará a costa? Não podemos orientar-nos com segurança, pois mal se vêem as estrelas, e a escuridão impede-nos de consultar a única bússola, que corria de mão em mão, inutilmente.

Mas entre os naufragos está, felizmente, o piloto do Baependí. Recobrando as forças, ele resolve com simplicidade o problema de navegação, mandando “remar na direção do vento, pois o mesmo soprava para terra.”

Somente na baleeira noto que estou ferido. O sangue jorra abundantemente do meu rosto, e, levando a mão à face direita, percebo que sofri uma fratura. Mas não sinto nenhuma dor.

A pequena embarcação joga como uma casca de noz naquele mar agitado, e de vez em quando uma onda mais forte invade-a; um grande rombo da proa aumenta a nossa inquietação: é preciso baldear continuamente, tal a quantidade de água que entra.

O vento é cortante, sentimos um frio tremendo, uma sede desoladora, e o enjôo apodera-se da maioria.

Pouco depois avistamos, não muito longe, um navio iluminado. Ficamos hesitantes; valerá a pena remar na sua direção? Alcançá-lo-emos? Desistimos da idéia, o que foi providencial, pois cerca de uma hora depois, ouvimos o eco de uma tremenda explosão, que nos pareceu um trovão longínquo: o navio que passara por nós - o *Araraquara*, soubemos depois - foram também torpedeados!

Navegamos assim, impelidos pelo vento e pelos remos, durante toda a noite - que nos parece interminável. Os rapazes, incansáveis, se revezam nos remos e os outros no balde de água.

Ao clarear o dia, ainda na penumbra, temos uma explosão de contentamento: a uns dois quilômetros de nós, percebemos a faixa branca de areia de uma praia!

A praia, desabitada, é formada por vastas dunas de areia, onde os pés se enterram, agravando nosso cansaço. Caminhamos algum tempo, seguindo uma pequena trilha, até avistarmos uma cabana onde apenas encontramos água.

Felizmente, indicam-nos uma picada que vai ter a uma povoação. Andamos até o meio-dia, ou antes, arrastamo-nos, pois há diversas pessoas feridas, e outras esgotadas. Por sorte encontramos muito côco da Bahia, cuja água saborosa bebemos sofregamente.

Ao chegarmos à povoação, todas as portas e janelas se batem, violentamente” “Que teria havido?” Consultamo-nos surpresos... Estamos tão embrutecidos, que nos custa a compreender: a nossa nudez quase total ofendeu o pudor da gente da terra! Um parlamentar, que enviamos em trajes mais decentes resolve a situação, e recebemos algumas roupas usadas, que nos permitem improvisar tangas.

Depois de alimentados, seguimos de canos para Estância, no estado do Sergipe, termo de nossas provações.

Ali soubemos, mais tarde, terem chegado à praia, numa pequena balsa de madeira, mais oito naufragos do Baependí. Trinta e seis sobreviventes - eis o que restava!

Quase todos os nossos camaradas tinham sido tragados pelas ondas. E quando um médico, naufrago também, nos relatou o episódio da morte do mais jovem dos nossos companheiro de armas, não pudemos conter as lágrimas.

Ao atirar-se ao mar, sem salva-vidas, certo do fim que o aguardava, o tenente Assunção lançara em voz vibrante este grito derradeiro de patriotismo:

“Viva o Brasil!”